

O jovem, a educação básica e o processo colaborativo: um relato de experiência das disciplinas de Atividades Orientadas III e Estágio Supervisionado IV.

*Anna Cristina da Silva Leandro
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
annacrisleandro@gmail.com*

*Nayara Freire de Sousa Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
nayfreire17@hotmail.com*

Resumo: O Processo Colaborativo é uma linha de trabalho criativo e horizontal onde todos os envolvidos no processo de criação tem a oportunidade de expressar suas ideias e sugestões. O objetivo deste trabalho é relatar a experiência vivida com jovens dentro das disciplinas de Estágio Supervisionado IV e Atividades Orientadas III. Diante disso, com os resultados alcançados podemos apontar várias contribuições tanto para os professores em formação (estagiária e observadora) quanto para os alunos. A partir da perspectiva do diálogo entre a educação musical com o processo colaborativo foi possível visualizar essa metodologia como um instrumento potencializador das práticas de ensino de educação musical para jovens nesse contexto.

Palavras chave: Jovem, Educação Básica e Processo Colaborativo.

Introdução

O Processo Colaborativo é uma linha de trabalho criativo e horizontal onde todos os envolvidos no processo de criação tem a oportunidade de expressar suas ideias e sugestões. O líder (nesse caso, o professor) desempenha apenas o papel de estimular, mediar e organizar essas ideias para um resultado final (ABREU, 2004). Por atuarem na tomada de decisões e em todo o processo de construção, os participantes desenvolvem a sua autonomia e o sentimento de pertença (SANTA ROSA, 2012).

Partindo da perspectiva de um jovem atuante, crítico e reflexivo na sociedade, a escola deve atuar como um campo de formação e de desenvolvimento dos seus alunos. Segundo Tenti Fanfani (2011), os espaços de ensino precisam ter algumas características para se tornar o mais adequado possível para o jovem: ser uma instituição que valoriza e

considera as expectativas e conhecimentos dos jovens; ser uma escola que favorece e dá lugar ao protagonismo do jovem; ser um ambiente que não se limita a ensinar, mas também a motivar, mobilizar e desenvolver conhecimentos significativos para as pessoas; ser um espaço flexível a tempos, sequencias e metodologias diversas para garantir o ensino para todos; e ser uma instituição que forma pessoas e cidadãos.

Com isso, o objetivo desse trabalho é relatar a experiência vivida com jovens dentro das disciplinas de Estágio Supervisionado IV e Atividades Orientadas III. Ao deparar com os desafios a serem enfrentados e essa necessidade do jovem de um “sentido” ao que se vê em sala de aula, o processo colaborativo se tornou a metodologia escolhida para desenvolver as aulas de música desse semestre na turma do 9º ano na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti em Natal/RN, onde ao fim do semestre montamos um espetáculo de Teatro Musical como resultado das aulas.

Portanto, utilizamos o Relato de Experiência como metodologia para escrita desse artigo. Observamos e relatamos o processo de desenvolvimento das aulas de música e da apresentação final e analisamos criticamente todo o contexto observado. Não foi realizada nenhuma entrevista direta com os alunos ou envolvidos no processo.

Diante da literatura e de nossas visões, uma apenas de observação não-participante e outra de observação participante, nos deparamos com questionamentos referentes à Educação Musical: o trabalho realizado se tornou significativo para os envolvidos no processo? Que fator foi essencial para o “sucesso” das aulas? Seria o processo colaborativo um auxiliador do educador musical no trabalho com os jovens?

Estreitando relações: universidade e educação básica

Dentro do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte existem quatro disciplinas denominadas Atividades Orientadas e quatro Estágios Supervisionados, que são cursadas consecutivamente deixando o discente em contato com o ambiente escolar desde o 1º período do curso.

As disciplinas cursadas por nós nessa experiência foram Atividades Orientadas III (Metodologias do Ensino de Música para Jovens e Adultos) e Estágio Supervisionado IV

(Ensino de Música para Jovens no Ensino Médio). As Atividades Orientadas III (MUS5003 OU MUS5013) propõem a “atividade de observação de metodologias de ensino de música utilizadas na Educação de Jovens e Adultos com subsequente desenvolvimento de atividades práticas a partir dessas observações” (UFRN, 2009). A observação se torna essencial na formação do futuro professor, pois, segundo Morato e Gonçalves (2009):

[...] A observação assume um função importante para o futuro professor poder se inteirar das situações instáveis e indeterminadas que a realidade da sala de aula lhe reserva. Além disso, tendo consciência de que não há uma situação educativa igual a outra, a reflexão também torna-se necessária para que, dialogando com a sua própria atuação, se possa construir soluções possíveis para os problemas que se apresentam no seu dia a dia. (MORATO; GONÇALVES, 2009, p. 113).

Portanto, na disciplina de Atividades Orientadas, temos a oportunidade de ver na prática as teorias estudadas em sala de aula e, além de identificar os desafios que aparecem em cada contexto, vemos e discutimos a postura dos professores ao se depararem com cada um deles. Além disso, por estarmos inseridos apenas como observadores não-participantes, temos uma visão mais ampla do que está acontecendo e podemos observar a postura de cada aluno, fazendo uma análise muitas vezes mais precisa ou mais completa do que acontece em sala de aula.

Já o objetivo da disciplina de Estágio Supervisionado IV (MUS6003 OU MUS5018) é a “atuação em uma classe escolar de educação média; acompanhamento junto ao professor; colaboração nas atividades de planejamento e docência; registro e discussão das atividades desenvolvidas” (UFRN, 2009). Essa experiência nos dá a oportunidade de colocar em prática as teorias estudadas na academia. Segundo Buchmann (2008), os objetivos e necessidades em relação ao estágio são basicamente: relacionar as questões teóricas e práticas; buscar a integração entre as instituições envolvidas (universidade e escola); e visar a formação do professor para que este tenha uma atuação profissional transformadora quando partir para o mercado de trabalho (BUCHMANN, 2008 *apud* LEANDRO, 2014).

Atuar em contextos de ensinos diferentes em cada estágio nos permite conhecer, dialogar e refletir sobre muitas metodologias que funcionam e não funcionam, afim de nos dar um vasto conhecimento quando estivermos em nossa própria sala de aula.

O fato das disciplinas estarem no mesmo contexto de ensino (Educação Musical de Jovens de Adultos/Ensino Médio) e terem sido oferecidas no mesmo semestre letivo nos levou a atuar na mesma sala de aula, compartilhando nossas impressões a respeito da turma e das atividades ministradas.

O Processo Colaborativo e a Educação Musical: um diálogo pertinente

Nossa experiência aconteceu no segundo semestre de 2014 na Escola Estadual Desembargador Floriano Cavalcanti localizada na Zona Sul de Natal/RN, com alunos de uma turma de 9º ano. As aulas de música ocorriam duas vezes por semana e duravam 50 minutos.

Estávamos inseridas no contexto dos jovens, onde a construção da autonomia precisa ser trabalhada e cada vez mais o jovem quer participar do seu processo de aprendizagem. Diante disso, os primeiros encontros da regência do estágio foram planejados para conhecer tanto os nomes como os gostos musicais dos alunos, sem necessariamente isso ser feito de maneira direta. Para Maffioletti e Rodrigues, essa prática dá ao aluno um sentimento de pertença maior à aula. “[...] Saber o nome de alguém é distingui-lo num conjunto, para estabelecer com ele uma relação mais próxima” (MAFFIOLETTI; RODRIGUES, 1995 *apud* SANTA ROSA, 2006). Através de dinâmicas de integração e atividades durante as aulas, foi-se construindo os perfis de cada aluno e da turma como um todo.

Percebemos que, apesar da turma reagir bem a todas as atividades propostas, como as atividades de canção e criação, muitos ainda relutavam para levantar da cadeira e participavam apenas por estarem em sala de aula e sujeitos a avaliação. Somente uma minoria se mostrou participativa no que diz respeito a opinar e discutir a melhor forma de realizar determinada tarefa de imediato. Foi-se trabalhando pouco a pouco a relação de confiança e ganhando o apoio deles para que fosse proposto algo e isso fosse aceito.

De fora, foi possível observar que a turma apresentou dois tipos de comportamento: o primeiro, antes da conquista da confiança nos regentes do estágio, a turma parecia não se sentir motivada a participar das aulas; o segundo, depois da conquista

da confiança, foi percebido uma turma mais participativa, empolgada e que trazia contribuições para a construção do espetáculo final.

Para Santa Rosa (2012):

O estímulo e o otimismo do professor têm sido cada vez mais apontados como fatores essenciais para promover a motivação e o interesse do aluno. Frequentemente, ouvimos dizer que a turma é o reflexo do professor. Por isto, além de acreditar no seu trabalho, o educador deve buscar extrair os melhores resultados dos seus alunos através da motivação e confiança de que são capazes. (SANTA ROSA, 2012, p. 163)

Portanto, tornou-se importante a conquista da confiança dos alunos para que o trabalho desenvolvido se tornasse significativo. Essa conquista da confiança dos alunos e da motivação deles deve-se também ao fato de usar o Processo Colaborativo como metodologia de ensino. Tal procedimento pode ser utilizado como método de criação quando o grupo está decidido a imprimir sua personalidade no trabalho artístico e já que nosso grupo era formado por jovens que estão em constante busca da construção da autonomia e significação do aprendizado, foi uma estratégia encontrada para garantir um resultado satisfatório para os alunos e os regentes.

Em paralelo a construção da confiança, foi-se decidido trabalhar com os alunos a criação de arranjos musicais. A proposta seria a montagem e execução desses arranjos dentro da sala de aula como fechamento da disciplina.

Durante uma das aulas, a turma foi convidada a apresentar os arranjos em um Sarau Literário, que ocorreria no final do semestre organizado pela professora de Português e pela professora de Música da escola. Quando exposto para a turma a ideia de apresentação no auditório da escola não houve negação. Entretanto, para se chegar a essa decisão positiva, foram necessários alguns argumentos para que todos pudessem concordar, pois não estavam habituados a enfrentar uma plateia. Alguns meninos foram convencidos apenas pelo não acontecimento de provas ao final do bimestre como avaliação, já que a mesma seria feita no processo de criação e apresentação dos arranjos.

Começamos a planejar a apresentação final reunindo e analisando o gosto musical de cada um deles e a partir desse repertório optamos por trabalhar a criação de arranjos musicais de algumas dessas músicas para apresentar no Sarau Literário da escola. A partir

daí, houve participação cada vez mais significativa da turma nas decisões do rumo que a nossa apresentação iria levar. Foi decidido o repertório que iríamos rearranjar e o mesmo foi dividido entre músicas dos meninos, músicas das meninas e uma música final com todos juntos. As aulas passaram a ter formato de ensaio, com integração mais rápida e a passagem vocal das músicas escolhidas.

Durante o processo de criação dos arranjos, onde decidíamos se as músicas teriam instrumentos convencionais como violão, guitarras, bateria entre outros ou iríamos inovar com percussão corporal ou instrumentos feitos de sucata, surgiu a ideia de todas as músicas serem cantadas em formato de coro e cada grupo cantaria as músicas escolhidas por eles. A partir dessa ideia, as meninas sugeriram que todas as músicas poderiam ter uma coreografia e também cenas para as interligar. Toda a turma se mostrou aberta a essa proposta e então foi definido que o formato da apresentação seria de Teatro Musical que, segundo Santa Rosa (2012), é um gênero artístico que engloba, no mesmo evento, música, teatro e dança.

Essa decisão tornou a turma ainda mais participante nas aulas posteriores. Diferentemente das primeiras aulas, os alunos se mostraram mais dispostos e envolvidos nas atividades realizadas, já que levantar da cadeira parecia um problema complicado e agora passavam a aula inteira em pé sem nenhuma recusa.

Quanto ao aprendizado dos jovens, Santa Rosa (2012) afirma que os alunos desenvolveram a sua autonomia através: da necessidade de pensar coletivamente; da independência na busca por informações e elementos que contribuíssem para a elaboração do musical; do aprendizado sobre a importância do compromisso com o grupo, sabendo que não podiam faltar ou desistir; da vivência do prazer de aprender e o estímulo para comparecer as aulas mesmo sem cunho obrigatório; e da compreensão dos sentimentos de realização e vitória vivenciados na apresentação.

Diante disso, as aulas começavam com aquecimento corporal e vocal, sempre trazendo músicas simples ao invés de vocalizes tradicionais e logo em seguida as músicas eram ensaiadas. Depois começaram a criação das coreografias e por último, as cenas. Sempre houve o envolvimento dos alunos nas criações deixando o trabalho com a personalidade deles. Os alunos que antes eram tímidos para falar o seu nome em voz alta

agora estavam dando opiniões e mostrando soluções para problemas como tamanho do palco e o melhor figurino.

Por ser uma criação de um musical a partir de um processo colaborativo, todas as decisões eram tomadas em grupo e isso tomava muito tempo das aulas, então, surgiu da parte deles a necessidade de termos ensaios extras e isso foi mais uma prova de que o processo estava sendo significativo e motivador. Os alunos se comprometeram em pedir a outros professores que liberassem seus horários de aula para que o espetáculo fosse terminado e as últimas decisões acertadas. Os ensaios extras foram tão proveitosos quanto as aulas propriamente ditas e os alunos estavam muito empenhados em fazer com que o espetáculo saísse da melhor maneira possível. Com a aproximação da data da apresentação foi necessário que os ensaios acontecessem no auditório da escola, o que foi um fator ainda mais motivador para os integrantes.

A apresentação e os resultados

Foi marcado para os alunos estarem presentes na escola as 7h da manhã, pois o evento começaria as 8h. Todos chegaram na hora marcada e já se direcionaram à sala de educação física para ensaiarem suas falas e coreografias. Estavam bastante ansiosos e nervosos e apreensivos com medo de não dar certo, então, foi feito um trabalho de relaxamento e concentração com a turma para em seguida ensaiarem a apresentação toda e serem dadas algumas considerações sobre todo o bimestre que passaram juntos. Após essa concentração, todos foram para o auditório prestigiar as outras turmas e esperar a sua vez de apresentar.

Durante a apresentação todos estavam muito atentos e dando o melhor de si, conquistando vários aplausos da plateia mesmo antes de terminarem o musical. Os alunos nos surpreenderam com projeção de voz, firmeza nas coreografias e afinação e a medida que percebiam a reação da plateia iam se soltando ainda mais, trazendo elementos novos para as cenas e improvisando nos finais das coreografias.

Ao chegarem ao fim, foi notado que a sensação de dever cumprido tomou conta de todos e tiveram como recompensa um aplauso caloroso da plateia que terminou o espetáculo cantando junto com os alunos a música final do musical.

Todos se dirigiram para a sala de educação física e lá pudemos comprovar nos sorrisos e comentários o quanto se sentiam realizados com o resultado e o quanto estavam gratos aos estagiários por tudo que tinham feito durante o bimestre.

A partir dos questionamentos apresentados na introdução deste trabalho, podemos apontar várias contribuições. Para nós enquanto professores foi observado que saber ouvir a opinião dos jovens garante melhor aproveitamento no processo de ensino-aprendizagem e que referir-se a eles pelos seus nomes auxiliou na criação dos laços. Além disso, tivemos contato com um novo repertório, nos trazendo para mais próximo da realidade musical vivida pelos alunos.

Enquanto que para os alunos, foi observada a possibilidade de expressão artística, a oportunidade de colocar suas ideias na criação de um espetáculo musical, ocorreu uma aproximação entre a disciplina e a escola e houve uma interação com os professores dentro e fora da sala de aula.

A partir do diálogo entre a educação musical e o processo colaborativo é possível visualizar essa metodologia como um instrumento potencializador das práticas de ensino de educação musical para jovens. É importante estar sempre em busca de novas estratégias que fortaleçam a práxis docente em música e a inserção do processo colaborativo nas novas metodologias de ensino de música serve como impulsionador para novas pesquisas na educação musical para jovens.

Referências

ABREU, Luis Alberto de. *Processo Colaborativo: Relato e Reflexões sobre uma Experiência de Criação*. Disponível em: <http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/FreeComponent9545content77392.shtml>> Acesso em: 29/10/2014.

BUCHMANN, Letícia Taís. *A construção da docência em música no estágio supervisionado: um estudo na UFSM*. 151p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

LEANDRO, Anna Cristina da Silva. *Teatro musical na educação básica: relato de um estágio com adolescentes no ensino fundamental II*. Natal, 2014, 61p. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Escola de Música.

MANFFIOLETTI, Leda; RODRIGUES, Jussara. *Cantigas de roda*. 7 ed. Porto Alegre: Editora Magister Ltda, 1995.

MORATO, Cíntia Thaís, GONÇALVES, Lilia Neves. *Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! Práticas de ensinar música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. / org. por Teresa Mateiro e Jusamara Souza – Porto Alegre: Sulina, 2009. 191p.

SANTA ROSA, Amélia Martins Dias. *O Processo Colaborativo no musical "Com a perna no mundo": identificando articulações pedagógicas*. 242f. Tese (Doutorado em Música) Programa de Pós Graduação em Música/Educação Musical, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TENTI FANFANI, Emilio. *Culturas jovens e cultura escolar*. Disponível em: <http://portal.mec.gov/seb/arquivos/pdf/CultJoEsc.pdf>>. Acessado em: 06 de novembro de 2014.

UFRN. Curso de Licenciatura em Música. Ementa da disciplina (MUS5003 OU MUS5013). Disponível em: < https://sigaa.ufrn.br/sigaa/geral/componente_curricular/busca_geral.jsf > Acesso em: 29 de abril de 2015.

UFRN. Curso de Licenciatura em Música. Ementa da disciplina (MUS6003 OU MUS5018). Disponível em: < https://sigaa.ufrn.br/sigaa/geral/componente_curricular/busca_geral.jsf > Acesso em: 29 de abril de 2015.